

ONDE ESTÃO
AS CRIANÇAS?

MARY HIGGINS CLARK

ONDE ESTÃO
AS CRIANÇAS?

Tradução de
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

*À memória de minha mãe,
Nora C. Higgins,
com amor, admiração e gratidão*

INTRODUÇÃO

Onde Estão as Crianças? foi o meu primeiro romance policial e o livro que mudou realmente a minha vida.

Eu já escrevia antes e, na realidade, durante algum tempo, ganhei o meu sustento a vender guiões para programas de rádio. Também já tinha publicado alguns contos mas, apesar de ser uma atividade divertida e gratificante, não era suficiente para pagar as contas. Por isso, decidi tentar escrever o meu primeiro livro a sério.

A minha primeira tentativa foi um romance biográfico acerca de George Washington. Demorei três anos a escrevê-lo, a sua publicação passou despercebida e saiu da gráfica diretamente para as prateleiras de descontos. Isso não me perturbou — considerei-o um triunfo. Afinal, foi publicado. Com ou sem triunfo, contudo, a verdade é que desejava sinceramente que o meu próximo livro vendesse.

Foi nessa altura que observando as minhas estantes com atenção me apercebi de que, desde que aprendera a ler, sempre me deixara envolver pela leitura de uma história policial. Era, sem dúvida, o meu género de ficção preferido. Começara por ler livros cujas heroínas eram detetives do sexo feminino, como Judy Bolton ou Nancy Drew. Seguiram-se Agatha Christie, Josephine Trey, Ngaio Marsh, Charlotte Armstrong, Mignon Eberhart e Daphne du Maurier, entre outros. Sempre que lia os seus livros, tentava pensar como o autor, descobrir o mau da fita, resolver o crime precocemente. Aqueles escritores foram excelentes professores e, gradualmente, fui interiorizando algumas das técnicas que usavam.

Vou recorrer a uma história antiga e conhecida para ilustrar o que quero dizer. Uma das versões do conto de Hansel e Gretel diz que Hansel terá atirado pedrinhas ao chão para marcar o caminho de regresso quando saíssem da floresta e que Gretel terá espalhado migalhas de pão. Quando quiseram regressar, descobriram que enquanto as pedras permaneciam onde foram deixadas as migalhas tinham sido comidas pelos pássaros.

Também os escritores de policiais deixam cair diferentes versões de pedras e migalhas e convidam o leitor a segui-las na sua viagem. As migalhas, que são rapidamente devoradas, acabam por não se revelar as pistas que aparentavam ser. Já as pedras, que se harmonizam com a história, provam frequentemente ser os verdadeiros guias para encontrar a solução do crime. Com os anos, tornei-me bastante boa a separar umas das outras.

Enquanto leitora, adorava policiais. Achava que os compreendia. Por isso, decidi experimentar se conseguiria escrever esse género.

Lembrei-me de um conselho que ouvira numa aula de composição: peguem num caso ou numa situação verídica que vos interesse e façam duas perguntas: «Suponhamos...?» e «E se...?». Depois, transformem-no em ficção.

Nessa altura, houve um caso célebre de homicídio em Nova Iorque, com cobertura diária nos jornais e na televisão. Uma mãe de 26 anos — chamada Alice Crimmins — era acusada de ter matado o filho de 5 e a filha de 3. O caso foi seguido pela imprensa e ela foi condenada pelos dois crimes. Mais tarde, as duas condenações foram anuladas por questões técnicas. Ela acabou por ser libertada da prisão, onde passou apenas um curto período de tempo. Quando saiu, voltou a casar e deixou de se ouvir falar dela.

O caso arrastou-se durante anos. A comunicação social deu-lhe tanto relevo que era quase impossível não ouvir falar dele ou não ter uma opinião acerca da culpa ou inocência de Alice Crimmins. Qualquer referência ao seu nome era garantia de acesa discussão. Por isso, fiz a mim mesma as duas perguntas: «Suponhamos...?» e «E se...?».

Suponhamos que uma mãe bonita e jovem é acusada e mais tarde condenada pela morte intencional dos dois filhos pequenos? *Suponhamos* que sai da prisão porque a condenação é anulada por causa

de uma questão técnica? *Suponhamos* que ela volta a casar e começa uma vida nova e que, no dia do sétimo aniversário da morte dos dois filhos, os dois filhos do *segundo* casamento desaparecem?

Concluí que se tratava de uma premissa forte e comecei a planear o meu livro. Comecei por pensar no cenário. Naquela época, começara a alugar uma casinha de praia em Cape Cod, no Massachusetts, e estava apaixonada pela região. O Cape tem praias desertas onde se pode passear e um pôr do Sol magnífico que promete dias mais felizes. Também é assolado por tempestades aterradoras que varrem o mar selvaticamente e lançam torrentes de chuva batida pelo vento ao longo da imensa língua de areia do Cape. Resumindo, tem ambiente.

É, por isso, o local perfeito para uma jovem com o coração ferido se refugiar. As pessoas do Cape são de poucas palavras. Respeitam a privacidade e nunca se intrometeriam na vida de uma pessoa solitária.

Quando comecei a delinear o livro, consegui visualizar a jovem, a quem chamei Nancy Harmon, a sair de São Francisco e a apanhar um autocarro que a levaria até ao Cape, que ela visitara na infância e recordava como um local de paz, um lugar onde poderia cicatrizar as feridas.

O meu primeiro título para o livro era «Morrer Uma Pequena Morte», expressão que lera numa biografia escrita por uma amante do rei Luís XIV de França. A mulher teve um filho do rei que apenas viveu oito meses. E escreveu, na biografia: «E eu morri, com o meu filho, uma pequena morte.» Pareceu-me um título apropriado porque, na minha história, uma parte da essência de Nancy morreu com os seus primeiros dois filhos. Desde então conseguira bloquear todas as memórias da vida que vivera com eles. Mas, de repente, tem de se lembrar de todos os pormenores que levaram ao seu desaparecimento se quer recuperar a sua segunda família.

Na altura em que estava a escrever o romance, trabalhava a tempo inteiro na rádio, pelo que demorei três anos a terminar o livro. Quando fiquei finalmente satisfeita e soube que não havia mais nada a acrescentar, escrevi no meu diário: «Acabei o livro e está BOM!»

Ainda me lembro do fato preto e branco que vestia quando entreguei o manuscrito à secretária da minha agente. Foi um dia muito importante para mim. Passaram-se seis semanas sem notícias. Timidamente, telefonei-lhe. «Pat», disse-lhe, «por acaso tiveste tempo para olhar para o meu livro?»

Pat Myrer fora editora sénior antes de se tornar agente e, normalmente, desmontava as minhas histórias e fazia-me reescrevê-las antes de as publicar. Quando me disse que desta vez não havia correções a fazer e que o livro já fora enviado para as editoras, percebi que estava no caminho certo porque tinha a convicção, no meu íntimo, que o livro ia vender.

O mundo era um lugar um pouco diferente há trinta anos e, quando escrevi o livro, o abuso sexual infantil era um assunto tabu. Apesar de não haver cenas explícitas que abordassem o tema, era claro para o leitor que o raptor era também abusador sexual. Por isso, duas das editoras que receberam o meu manuscrito recusaram-no. Receavam que este tema pudesse incomodar as leitoras do sexo feminino. Felizmente para mim, a Simon & Schuster decidiu correr o risco e comprou o livro.

Por sugestão de Phyllis Grann, que na época era editora na Simon & Schuster, foi-lhe dado um novo título. Ela manifestou preocupação por «Morrer Uma Pequena Morte» poder parecer uma história de crime violento. Por isso, o título foi alterado para o mais descritivo e persuasivo *Onde Estão as Crianças?*

A publicação do livro constitui um ponto de viragem na minha vida e deu início a um casamento longo e feliz com a Simon & Schuster, que dura até hoje.

M.H.C.
Natal de 1998

PRÓLOGO

Sentiu a corrente de ar frio que penetrava através das fendas nos caixilhos da janela. Levantou-se e arrastou-se pesadamente até junto da janela. Pegou numa toalha grossa que tinha à mão e colocou-a à volta do caixilho apodrecido.

A corrente de ar produzia um ruído suave e sibilante contra a toalha, um som que de alguma forma lhe agradava. Olhou para o céu nublado e examinou as cristas das ondas que agitavam a água. Daquele lado da casa, conseguia ver Provincetown na margem oposta da baía de Cape Cod.

Odiava o Cape. Odiava a sua paisagem desolada num dia de novembro como aquele; o cinzento da água; as pessoas que se limitavam a olhar para os outros sem falar. Odiara-o no verão que ali passara — vagas de turistas espalhavam-se pelas praias e subiam a rampa íngreme que conduzia à sua casa, paravam junto das janelas do andar de baixo e, colocando as mãos à volta dos olhos, espreitavam para dentro.

Odiava os grandes letreiros, onde se lia «vende-se», que Ray Eldredge colocara na frente e nas traseiras da casa. E odiava que ele e a mulher que trabalhava para ele tivessem começado a trazer gente para ver a casa. No mês anterior tivera sorte quando chegou no momento em que eles começavam a entrar; e com sorte conseguira chegar primeiro ao andar de cima, a tempo de arrumar o telescópio.

Estava a ficar sem tempo. Alguém ia comprar a casa e ele deixaria de a poder alugar. Por isso, enviara o artigo para o jornal. Queria ali

estar para a ver exposta diante daquelas pessoas, agora que ela começava a sentir-se segura.

Havia mais uma coisa que tinha de fazer, mas a oportunidade nunca surgira. Ela mantinha as crianças sob vigilância apertada. Mas ele não podia dar-se ao luxo de esperar mais. Amanhã...

Andou pelo quarto, inquieto. O quarto, situado no andar de cima do apartamento, era grande. Toda a casa era grande. Era a casa degradada de um antigo comandante. Começara a ser construída no século XVII, numa falésia com vista sobre a baía e era um monumento pretensioso à necessidade de o ser humano estar em alerta constante.

A vida não era assim. Era feita de pequenas coisas. De pontas de icebergues. Ele sabia-o. Passou a mão pela face e sentiu-se quente e desconfortável, apesar de o quarto se encontrar gelado. Durante seis anos, alugara aquela casa no final do verão e no outono. A casa estava praticamente na mesma como a encontrara da primeira vez. Poucas coisas mudaram: o telescópio na sala da frente, as roupas que guardava para ocasiões especiais; o boné de pala que puxava sobre o rosto e o ocultava parcialmente.

De resto, tudo se mantinha. O sofá antiquado, as mesas de pinho e o tapete artesanal na sala de estar e a mobília de quarto de madeira de bordo. Aquela casa tinha sido ideal para o seu objetivo até àquele outono, quando Ray Eldredge lhe comunicara que estava a tentar vendê-la para ser transformada num restaurante e que apenas a alugava com a condição de poder ser mostrada após aviso telefónico.

Raynor Eldredge. Pensar nele fazia-o sorrir. O que iria Ray pensar quando lesse a notícia no dia seguinte? Teria Nancy alguma vez contado a Ray quem era? Talvez não. As mulheres sabem dissimular. Se Ray não soubesse, seria ainda melhor. Como seria maravilhoso ver a sua expressão quando abrisse o jornal. Deveria ser entregue pouco depois das dez da manhã. Ray estaria no escritório. Era possível que não olhasse para ele durante um bocado.

Impaciente, afastou-se da janela. As suas pernas grossas e entroncadas ficavam apertadas nas calças pretas e brilhantes. Gostaria de perder peso. Teria de voltar a passar fome, o que era desagradável,

mas havia de conseguir. Já o tinha feito quando foi necessário. Inquieto, esfregou o couro cabeludo ligeiramente sarnento. Ansiava voltar a deixar crescer o cabelo naturalmente. Sempre tivera o cabelo espesso dos lados e, provavelmente, devia estar quase todo grisalho.

Passou a mão pelas pernas, andou às voltas pelo apartamento, impaciente, e parou junto do telescópio, na sala de estar. Era um telescópio bastante potente, que não se encontrava disponível para venda ao público. Nem sequer algumas esquadras o tinham ainda. Mas havia sempre forma de se obter o que se pretendia. Inclinou-se sobre o aparelho e espreitou semicerrando um olho.

Por causa da escuridão daquele dia, a luz da cozinha encontrava-se acesa e era fácil ver Nancy. Estava de pé, em frente à janela da cozinha que se situava sobre o lava-loiça. Talvez estivesse a preparar alguma coisa para pôr no forno, para o jantar. Mas estava com um casaco quente, por isso era provável que fosse sair. Imóvel, olhava na direção da água. Em que estaria a pensar? Em quem pensaria? Nas crianças, em Peter e em Lisa? Gostaria de saber.

Sentiu a boca seca e humedeceu os lábios nervosamente. Hoje, ela parecia muito jovem. Tinha o cabelo penteado para trás. Castanho-escuro. Podia ser reconhecida se tivesse mantido o tom ruivo-dourado natural. No dia seguinte, ela fazia 32 anos. Mas não parecia ter aquela idade. Tinha uma aparência jovem, suave, fresca e sedosa.

Engoliu, nervoso. Sentia a secura febril na boca, apesar de os braços e as axilas estarem quentes e húmidos. Engoliu em seco e voltou a engolir e o ruído transformou-se numa risada nervosa. Todo o seu corpo começou a tremer de alegria sacudindo o telescópio. A imagem de Nancy desfocou-se, mas ele não se deu ao trabalho de reajustar a lente. Não estava interessado em observá-la mais naquele dia.

Amanhã! Conseguia imaginar a expressão dela àquela hora no dia seguinte. Exposta ao mundo por aquilo que era, paralisada pelo medo e pela preocupação, procurando responder à pergunta... a mesma que a polícia lhe fizera vezes sem conta, sete anos antes.

«Vá lá, Nancy», diriam os polícias mais uma vez. «Sê sincera conosco. Conta-nos a verdade. Sabes que não vais escapar disto impunemente. Diz-nos, Nancy, onde estão as crianças?»

CAPÍTULO 1

Ray desceu as escadas enquanto apertava o nó da gravata. Nancy encontrava-se sentada à mesa, com Missy ainda ensonada ao colo. Michael tomava o pequeno-almoço, com a sua atitude calma e reflexiva.

Ray despenteou o cabelo de Mike e debruçou-se para beijar Missy. Nancy sorriu-lhe. Era muito bonita. Tinha rugas de expressão à volta dos olhos azuis, mas, ainda assim, ninguém lhe dava 32 anos. Ray tinha poucos anos mais do que ela, mas sentia-se mais velho. Talvez fosse aquela tremenda vulnerabilidade. Reparou nos vestígios de cabelo ruivo que surgiam nas raízes do seu cabelo escuro. Várias foram as vezes em que, ao longo do ano anterior, tivera vontade de lhe pedir que o deixasse crescer, mas não se atrevera.

— Parabéns, querida — disse ele suavemente.

Viu a cor desaparecer-lhe do rosto.

Michael ficou surpreendido.

— A mamã faz anos? Não me disseste.

Missy endireitou-se.

— A mamã faz anos? — Parecia satisfeita.

— Sim — respondeu Ray. Nancy olhava para a mesa. — E logo à noite vamos festejar. Vou trazer um bolo e um presente e a tia Dorothy vem jantar connosco. Certo, mamã?

— Ray... não. — A voz de Nancy era baixa e suplicante.

— Sim. Lembra-te de que no ano passado prometeste que este ano íamos...

Festejar era a palavra errada. Não a podia dizer. No entanto, há muito que ele sabia que algum dia teriam de alterar o padrão dos aniversários dela. Ao princípio, ela afastava-se dele e andava às voltas pela casa, ou ia passear pela praia, como um espectro silencioso, fechada num mundo que era só dela.

Contudo, no ano anterior, começara a falar deles... das outras duas crianças. Dissera:

— Eles estariam crescidos... com 10 e 11 anos. Tento imaginar como seriam agora, mas não consigo... tudo o que tem que ver com aquela época está enevoado. Como se tudo não tivesse passado de um pesadelo.

— É normal que assim seja — dissera-lhe Ray. — Põe tudo para trás das costas, querida. Não penses no que aconteceu, nunca mais.

Aquela recordação reforçou a sua decisão. Debruçou-se sobre Nancy e acariciou-lhe o cabelo, num gesto que era ao mesmo tempo protetor e meigo.

Nancy ergueu os olhos para ele. A súplica espelhada no seu rosto transformou-se em incerteza.

— Não me parece...

Michael interrompeu-a:

— Quantos anos tens, mamã? — perguntou pragmaticamente.

Nancy sorriu. Um sorriso autêntico que miraculosamente aliviou a tensão.

— Não tens nada com isso — respondeu ela.

Ray deu um gole rápido no café.

— Linda menina — disse. — Olha, Mike, e se eu te for buscar à escola hoje à tarde e formos comprar um presente para a mamã? Agora, é melhor eu ir andando. Vem um tipo ver a casa do Hunt. Tenho de organizar o processo.

— A casa não está alugada?

— Está. Está lá outra vez o Parrish, que tem alugado o apartamento de vez em quando. Mas sabe que temos o direito de o mostrar a qualquer momento. É um sítio excelente para um restaurante e a transformação não dava muito trabalho. Se a conseguir vender, recebo uma boa comissão.

Nancy pousou Missy no chão e acompanhou-o à porta. Ele beijou-a levemente e sentiu os lábios dela tremerem por baixo dos dele. Será que a perturbara com a conversa do aniversário? O seu instinto pedia-lhe que dissesse: não vamos esperar por logo à noite. Eu não vou trabalhar e vamos passar o dia a Boston com os miúdos.

Em vez disso, entrou no carro, fez marcha atrás e avançou pela estrada de terra batida que serpenteava por entre o bosque e terminava na estrada que atravessava o Cape e levava ao centro de Adams Port e ao seu escritório.

Ray tinha razão, pensou Nancy, enquanto regressava lentamente à mesa. Estava na hora de deixar de seguir os padrões do passado, de parar de recordar e de olhar apenas para o futuro. Sabia que uma parte dela ainda estava congelada. Sabia que a mente lançava uma cortina sobre as recordações dolorosas, mas era mais do que isso.

Era como se a sua vida com Carl fosse um borrão... toda ela. Tinha dificuldade em lembrar-se da casa da faculdade, no *campus* universitário, da voz modulada de Carl, de Peter e de Lisa. Como eram? Tinham o cabelo escuro, os dois, como o de Carl, e eram muito sossegados... demasiado submissos... afetados pela incerteza dela... e, depois, perdidos, os dois.

— Mamã, porque estás triste? — Michael olhava-a com a mesma expressão de Ray, era direto a falar como ele.

Sete anos, pensou Nancy. A vida é uma sucessão de ciclos de sete anos. Carl costumava dizer que, nesse período de tempo, todo o corpo se transformava. Todas as células se renovavam. Já era tempo de olhar para o futuro... de esquecer.

Olhou à volta da cozinha ampla e alegre, com a velha lareira de tijolo, as tábuas largas de carvalho no chão, as cortinas vermelhas, com sanefas que não obstruíam a vista do porto. E, a seguir, olhou para Michael e para Missy.

— Eu não estou triste, querido — disse ela. — Não estou mesmo. Acomodou Missy nos braços e sentiu o calor e a doce viscosidade do seu corpo.

— Tenho estado a pensar no teu presente — disse a menina. O seu cabelo ruivo-dourado formava caracóis à volta das orelhas

e na testa. Por vezes, as pessoas perguntavam-lhe de quem tinha herdado aquele belo cabelo, quem era a pessoa ruiva da família?

— Ótimo — respondeu Nancy. — Mas vai pensar nisso lá para fora. É melhor irem apanhar um bocado de ar fresco rapidamente. Logo deve chover e fazer bastante frio.

Depois de as crianças se terem vestido, ajudou-as a colocar os corta-ventos e os chapéus.

— Está aqui a minha moeda de um dólar — exclamou Michael, satisfeito, quando enfiou a mão no bolso do casaco. — Tinha a certeza de que a deixara aqui. Agora já te posso comprar um presente.

— Eu também tenho dinheiro. — Missy exibiu, orgulhosa, uma mão-cheia de *pennies*.

— Não devem levar dinheiro lá para fora — disse-lhes Nancy. — Ainda vão perdê-lo. Deixem-me guardá-lo.

Michael sacudiu a cabeça.

— Se eu to der, posso esquecer-me dele quando for às compras com o papá.

— Prometo que não deixo que te esqueças.

— O meu bolso tem um fecho. Vês? Eu guardo-o aqui e guardo também o da Missy.

— Bom... — Nancy encolheu os ombros e desistiu da discussão. Sabia perfeitamente que Michael não ia perder o seu dólar. Era organizado como Ray. — Mike, agora vou arranjar-me. Promete-me que ficas com a Missy.

— Está bem — respondeu Michael, alegremente. — Anda, Missy, eu empurro-te no baloiço em primeiro lugar.

Ray construíra um baloiço para as crianças. Encontrava-se suspenso do ramo de um carvalho gigantesco, situado na orla do bosque que ficava por detrás da casa.

Nancy calçou as luvas a Missy. Eram vermelhas e tinham um bordado que formava uma cara a sorrir nas costas.

— Não as tires — disse ela à criança. — Senão, vais ficar com as mãos frias. Está a ficar desagradável. Nem sei se deviam sair.

— Oh, por favor. — Os lábios de Missy começaram a tremer.

— Está bem, está bem, não é preciso fazer beicinho — disse Nancy apressadamente. — Mas, no máximo, meia hora.

Abriu a porta das traseiras e deixou-os sair. Quando foi envolvida pela brisa gelada, estremeceu. Fechou a porta rapidamente e subiu as escadas. Era uma casa típica do Cape. A escada era praticamente vertical. Ray costumava dizer que os fundadores da cidade deviam ter algo de cabra montês, pela forma como construíram as escadas. Mas Nancy adorava tudo naquela casa.

Ainda recordava a sensação de paz e de conforto que ali sentira quando a visitara pela primeira vez há mais de seis anos. Viera para o Cape depois de a condenação ter sido anulada. O delegado do Ministério Público não forçara novo julgamento porque Rob Legler, a testemunha central de acusação, desaparecera.

Ela fugira para ali, atravessara completamente o país. Fora para tão longe da Califórnia quanto lhe era possível; o mais longe possível das pessoas que conhecia, da casa onde vivia, da faculdade e de toda a comunidade académica local. Não os queria voltar a ver — os amigos, que acabaram por revelar não serem amigos, mas estranhos hostis, que falavam do «pobre Carl», cujo suicídio também associavam a ela.

Viera para Cape Cod porque sempre ouvira dizer que os habitantes de Nova Inglaterra e as pessoas que viviam no Cape eram parcos em palavras, reservados e não queriam nada com estranhos, o que era bom. Precisava de um local para se esconder, para se encontrar, para perceber tudo, tentar pensar no que acontecera e regressar à vida.

Cortou o cabelo e pintou-o de castanho-escuro, o que foi suficiente para a fazer parecer completamente diferente das fotografias que apareceram nas primeiras páginas dos jornais, por todo o país, durante o julgamento.

Fora o destino que a levava a escolher a agência imobiliária de Ray quando começou a procurar casa para alugar. Já tinha marcado uma reunião com outra agência, mas, num impulso, foi ter com ele porque gostara do seu anúncio com letra manuscrita e das molduras das caixas cobertas de crisântemos amarelos e cor de champanhe.

Esperou que ele terminasse a conversa com outro cliente — um homem de pele enrugada, com o cabelo espesso e encaracolado —

e admirou-o por o ter aconselhado a não desistir da sua propriedade, pois haveria de encontrar um inquilino para o apartamento que fazia parte da casa, de modo a ajudá-lo a suportar as despesas.

Quando o velhote saiu, ela comentou:

— Parece que cheguei na altura certa. Quero alugar casa.

Mas ele nem sequer lhe mostrou a casa do velho Hunt.

— O Miradouro é demasiado grande, solitário e ventoso para si — disse-lhe. — Mas acabo de angariar uma casa típica do Cape, para arrendar, em excelentes condições e completamente mobilada. Até pode comprá-la se lhe agradar. De que tipo de espaço precisa, menina... senhora...?

— Menina Kiernan — respondeu. — Nancy Kiernan. — Instintivamente, usou o nome de solteira da mãe. — Na verdade, não preciso de muito. Vou viver sozinha e não espero visitas.

Apreciara que ele não se tivesse metido na sua vida.

— O Cape é um bom sítio para quem quer estar sozinho — comentara. — Não se sente a solidão quando se passeia na praia, se observa o pôr do Sol ou se olha pela janela de manhã.

A seguir, Ray trouxera-a ali e ela soubera de imediato que ia ficar. A sala comum evoluíra a partir da velha zona de estar que fora outrora o centro nevrálgico da casa. Adorava ter a cadeira de baloiço à frente da lareira e a mesa em frente das janelas, que permitia olhar para o porto e para a baía enquanto se comia.

Pôde mudar-se logo e, se Ray se perguntou se ela teria apenas as duas malas que trouxera no autocarro, não o dera a entender. Disse-lhe que a mãe morrera e que vendera a sua casa no Ohio e decidira ir para leste. Limitara-se a omitir qualquer menção aos seis anos que se encontravam pelo meio.

Naquela noite, pela primeira vez em meses, dormira a noite toda — um sono profundo e sem sonhos, sem ouvir Peter e Lisa a chamarem-na ou a condenarem-na no tribunal.

Na primeira manhã, fizera café e sentara-se junto à janela. O dia estava límpido e brilhante — o céu roxo-azulado sem nuvens, a baía quieta e tranquila e o único movimento era o arco desenhado pelas gaivotas que pairavam junto aos barcos de pesca.

Bebeu o café, com a mão a envolver a chávena e observou. O calor do café espalhou-se pelo corpo. Os raios de sol aqueceram-lhe o rosto. A tranquilidade daquela situação realçou a sensação de calma e paz que tivera início com o sono prolongado e sem sonhos.

Paz... dá-me paz. Fora a sua prece no tribunal e na prisão. Permite-me que aprenda a aceitar. Tinham passado sete anos.

Nancy suspirou e apercebeu-se de que se encontrava ainda ao fundo das escadas. Era tão fácil perder-se em recordações. Era por isso que se esforçava tanto para viver um dia de cada vez... sem olhar para trás ou projetar o futuro.

Subiu as escadas devagar. Como poderia ter paz sabendo que, se Rob Legler algum dia aparecesse, voltaria a ser julgada por homicídio e seria afastada de Ray, de Missy e de Michael? Por um instante, deixou cair o rosto entre as mãos. Não penses nisso, disse para consigo. Não vale a pena.

Quando chegou ao cimo das escadas, sacudiu a cabeça, com determinação, e dirigiu-se para o quarto principal. Abriu as janelas e tremeu quando o vento soprou as cortinas contra ela. Havia nuvens e a água da baía começava a agitar-se e a formar pequenas ondas. A temperatura descia rapidamente. Nancy já conhecia o Cape suficientemente bem para saber que este vento frio precedia uma tempestade.

Contudo, o dia estava suficientemente límpido para deixar que as crianças continuassem lá fora. Gostava que apanhassem o ar fresco de manhã. Depois do almoço, Missy dormia a sesta e Michael ia para o jardim de infância.

Começou a puxar os lençóis da cama de casal mas hesitou. Missy estava constipada desde o dia anterior. Será que devia ir lá abaixo, avisá-la para não abrir o fecho do casaco no pescoço? Era um dos seus truques favoritos. Missy queixava-se sempre de que as roupas eram demasiado apertadas no pescoço.

Nancy ponderou por um momento e, a seguir, tirou completamente os lençóis da cama. Missy vestia uma camisola de gola alta e, por isso, mesmo que desapertasse o botão, o pescoço continuaria

agasalhado. Além disso, só demoraria dez ou quinze minutos a mudar os lençóis e a pôr a roupa na máquina.

Dez minutos no máximo, prometeu a si mesma, para acalmar a sensação incómoda de preocupação que a impelia a ir ver as crianças imediatamente.